

VALORES E ORIENTAÇÕES DECORRENTES DO USO DE "COMO" EM ENUNCIADOS INTERROGATIVOS

ANA BELA AFONSO
(Universidade de Vigo)

Situamo-nos, tal como o título da comunicação indica, no âmbito do estudo da interrogação, enquadrando esse estudo na Teoria Formal Enunciativa.

Neste modelo teórico, o texto é entendido como um conjunto de marcas de operações cognitivas; os "marcadores" — entendidos como 'marcadores de operação', ou eventualmente de 'polioperação' (cf. Culioli, [1987a] 1990: 115-116) — funcionam como sinais dessas operações mentais que estão na origem da construção dos enunciados.

Uma vez que a linguagem conserva a marca das operações realizadas em produção por um enunciador (cf. Culioli, 1991-92: 7), interessará estudar as operações e valores subjacentes aos enunciados interrogativos.

Se, no sentido estrito do termo, a asserção implica que o enunciador afecte o enunciado de uma certeza, positiva ou negativa, num enunciado interrogativo, não havendo validação da relação predicativa subjacente, esse valor de certeza não poderá ocorrer. Por outro lado, a obrigatoriedade de resposta que a interrogação constrói implica a necessidade de alargar o estudo da interrogação às relações que esta estabelece com o contexto que imediatamente lhe sucede (quase sempre uma asserção).

Cedo nos apercebemos de que, para estudar a interrogação, teríamos que partir do princípio de que não há fronteiras rígidas entre a interrogação e a asserção. Não porque em algumas interrogações esta relação apresente uma evidente proximidade formal (em "o João está a ler" e "o João está a ler?" a entoação é o único mecanismo formal que na situação de interlocução oral, estabelece a diferença entre o enunciado interrogativo e o enunciado assertivo).

Não é de uma questão "melódica" que se trata.

Mas também não partilhamos da ideia de que a interrogação não é senão um caso particular da asserção como o sugerem Lyons (1980: 367): "*lorsqu'on émet une question, on ne fait qu'exprimer un doute*" e Berrendonner (1981: 168) para quem a interrogação equivale à asserção de uma dúvida ou de um desconhecimento, sendo a obrigatoriedade de resposta "*un simple effet perlocutoire de la déclaration d'incertitude*" (autores citados em Kerbrat-Orecchioni et alii, 1991).

Recordemos: enunciador e co-enunciador participam sempre na construção do texto e, no caso dos enunciados interrogativos, esta relação dinâmica é afectada por valores modais próprios da interrogação.

Socorrendo-nos da afirmação de Campos & Xavier (1991: 338), "*O valor modal (ou modalidade) de um enunciado resulta [...] da localização da relação predicativa em relação ao parâmetro S_0 , sujeito da enunciação.*

Por outras palavras, o valor modal de um enunciado exprime diferentes tipos — e para cada tipo diferentes graus — de relação entre o enunciador e a relação predicativa subjacente a esse enunciado, afectada de valores referenciais das restantes categorias gramaticais."

Um dos exemplos mais elucidativos desse inter-relacionamento "elíptico" que a nível enunciativo se estabelece entre a interrogação e a asserção é sem dúvida o contexto pedagógico, em que o par pergunta/resposta (a nível oral e a nível escrito) é o instrumento a que mais fácil e espontaneamente professores e alunos recorrem no seu relacionamento.

Aliás, nem de outro modo poderíamos entender o estudo da interrogação, tendo nós reclamado a Teoria Formal Enunciativa para fundamentação teórica deste estudo.

Ao interrogar, o enunciador espera sempre obter uma resposta; não responder seria, da parte do co-enunciador, recusar assumir o papel de segundo enunciador, num espaço enunciativo que, propositadamente, o primeiro enunciador construiu. Estes condicionalismos da interrogação determinam que se estabeleça uma troca enunciativa de que a partícula modal em análise ("como"), nos contextos enunciativos em que ocorre, é também marca.

Os exemplos aqui analisados foram extraídos de um contexto pedagógico, exactamente de um conjunto de aulas de Português do Ensino Básico integradas como *corpus* em Lourdes Sousa, 1993.

Consideremos o seguinte enunciado:

(1) **Profes.: Zé Maria, como fizeste a composição?**

Estamos perante um enunciado interrogativo com um único membro, que designaremos por "p". Temos então a forma: **como p?**

A partícula como ocorre em interrogativas parciais, nas quais se pretende saturar um constituinte (o que se refere à classe cujos elementos podem

linguisticamente expressar o *modo como* determinado evento ou actividade são classificados).

Neste caso, esse argumento diz respeito ao modo como S₂ (o Zé Maria, sujeito do enunciado) fez a composição.

Para além desta instanciação que falta validar neste exemplo, o sujeito enunciador (S₁) localiza em Sit₁ a relação predicativa como um pré-construído, ou seja, é válido naquele contexto que o Zé Maria fez efectivamente a composição.

Uma resposta possível e adequada à pergunta poderia ser a seguinte:

Zé Maria: fiz a composição inventando uma história

Neste enunciado assertivo o enunciador preenche o lugar vazio que faltava validar, especificando o "modo" indagado em realizar "p".

Se o exemplo for:

(2) Profes.: Zé Maria, como vais fazer a composição?

poderemos admitir que a localização da relação predicativa em Sit₁, como um pré-construído, poderá corresponder a uma estratégia argumentativa do professor em tornar consumada a validação de "p", que metalinguisticamente corresponde ao facto de o aluno ir fazer uma composição.

As respostas poderiam eventualmente ser:

a) **vou usar muitos adjectivos**

b) **não sei se faço, acho que não consigo.**

Enquanto o enunciado a) corresponde a uma resposta adequada à validação que a interrogativa pressupõe, o mesmo se não pode dizer de b).

Neste último enunciado, o emprego modal da negação de "p" não corresponde a uma operação de negação simples (ex: "não faço a composição"), na qual, socorrendo-nos do modelo topológico de Culioli ([1988] 1990: 91-113; 1990: 83-90; entre outros), o enunciador situa a ocorrência da noção no espaço correspondente ao exterior do domínio.

Nem isso seria adequado num contexto em que é suposto que os alunos façam o que o professor determina.

De facto o co-enunciador participa sempre na construção do texto e a sua presença manifesta-se na imagem que dele tem o enunciador (Campos, 1992:4), facto que, neste caso, provocou uma remodelização do valor negativo da resposta.

Ao responder "não sei se faço, acho que não consigo" o enunciador afecta a asserção de um valor epistémico que marca uma distanciação do enunciador em relação à validação, na forma negativa, da relação predicativa.

De qualquer forma, o enunciado b) invalida o pré-construído da interrogação feita pelo professor, comportando um valor modal de negação que

não se adequa à orientação para o Interior do domínio que a interrogação com a ocorrência da partícula *como* determina.

Analisemos agora o enunciado:

(3) Profes.: Zé Maria, como fizeste a composição se disseste que te esqueceste de fazer os deveres?

No contexto interenunciativo correspondente, a composição era o trabalho de casa, que o Zé Maria já dissera não ter feito por esquecimento, mas que posteriormente diz ter realizado.

Este enunciado interrogativo ilustra o funcionamento de uma pergunta com dois membros que designaremos respectivamente "p" e "q". Teremos então, a seguinte forma: **como p se q?**

O funcionamento de "**como p?**" é diferente do exemplo anterior.

Neste caso, está articulado com um segundo membro de natureza assertiva, que conduz à forma "como p se q?".

O membro assertivo "se p" corresponde, nesta situação de enunciação, a um pré-construído, evocado como anteriormente consensual e validado na relação intersujeitos anterior.

Ora esta circunstância determina o valor de condição centrado na condicional *se*, valor que se estende ao segundo membro do enunciado e que instaura o primeiro membro ("como p?") como "le thème de réplique" de que fala Sarah de Vogüé (1992: 138).

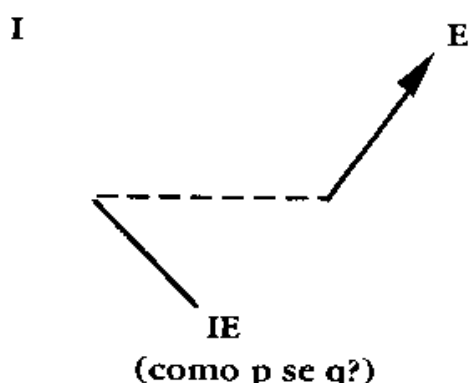
Neste caso, e segundo a mesma autora (idem: 136), o membro "se q" tem o *estatuto enunciativo de predicado* e interpreta-se como uma condição que constrói, neste enunciado, uma *orientação interna negativa* (Ducrot, 1981: 81 e J. Fonseca, 1994) de que a partícula *como* é a marca.

"Como" marca uma *ruptura nocional* ao negar nesse contexto a resposta do aluno, retomada no primeiro membro do enunciado "como fizeste a composição", e instancia a construção imediata de uma interrogativa retórica com valor de censura.

A interrogativa com "como p se q" marca a construção de uma situação enunciativa em que o anteriormente validado, enunciativamente ou não (p = fizeste a composição), é posto em causa pelo enunciador (se q = se disseste que não fizeste o trabalho de casa).

Recorrendo à subteoria da bifurcação de Culioli ([1988] 1990: 91-113; 1990: 83-90; entre outros), nesta interrogativa, a relação entre o percurso dos possíveis (validação em I ou em E, por parte do segundo enunciador) ultrapassa o valor de um pedido de confirmação (por exemplo: fizeste mesmo a composição?) ou, como no exemplo anterior (1), pretendendo a especificação do "modo" em realizar p.

Fazendo uma esquematização do percurso desta representação enunciativa, teríamos o seguinte:



Neste tipo de interrogativas, embora o sujeito enunciador se posicione no exterior do domínio de validação (em IE), constrói, de facto, uma operação de orientação da relação predicativa para E, que eventualmente caberá ao seu co-enunciador estabilizar no espaço enunciativo do enunciado correspondente à resposta.

Dizemos eventualmente porque este enunciado interrogativo poderá corresponder

- a) a um pedido de explicação/justificação e neste caso o enunciador da pergunta constrói a antecipação do espaço enunciativo em que a justificação será produzida e, como refere Diller, (1980) haverá neste caso dificuldade em estabelecer a diferença entre o valor interrogativo e o valor exclamativo do enunciado;
- b) a uma interrogativa retórica que não admite resposta já que, dado o valor negativo da interrogativa, não é dada a oportunidade ao co-enunciador de se constituir como um segundo enunciador. Neste contexto enunciativo que Culioli ([1998] 1990: 110) considera fictício, o co-enunciador não é, de facto, um interlocutor, tal como poderemos encontrar desenvolvido em Campos & Xavier, 1991.

Em ambos os casos, contudo, a descrição da interrogação não é independente do contexto em que a interrogação ocorre e que aqui tem precisamente a ver com o discurso de autoridade de que o enunciador é detentor.

No mesmo contexto de aula, o professor pergunta:

- (4) **Profes.: Zé Maria, como não fizeste a composição, se queres ter positiva?**

Este exemplo ilustra uma interrogação com a forma "como não p se q?"

O pré-construído que ocorre no segundo membro do enunciado ("se q") corresponde a um princípio partilhado pelo enunciador e co-enunciador.

Contudo a consecução de "q" ("ter positiva") é inviabilizada pelas circunstâncias referidas em "como não p?".

A relação de causalidade entre os dois membros entra em ruptura devido à orientação negativa do primeiro membro.

É que faz igualmente parte do saber partilhado pelo enunciador e co-enunciador que, por exemplo, "para ter nota positiva será necessário fazer regularmente os trabalhos escolares" ou, num caso mais extremo, "a realização daquela composição seria a última possibilidade para o aluno tirar positiva".

Mas estas interrogativas podem também ser marca de um valor retórico desencadeado pela forte orientação negativa que pressupõem. De facto, "como" leva, nestes casos, a uma relação com a interrogação retórica.

Vimos no exemplo anterior, que na interrogação retórica, o enunciador não parte, nem de um pedido de informação, nem de um pedido de confirmação.

Nas hipóteses para a consecução de "p" (ter positiva), o aluno teria, numa última possibilidade, de ter feito a composição.

Ora a negação deste facto enunciativamente marcada pela negação de "p" torna impossível a eventualidade de "q", situando esta ocorrência no exterior.

Estes são dados adquiridos e do conhecimento quer do enunciador, quer do co-enunciador, donde, neste caso, nem o co-enunciador poderá esperar "q" (ter positiva), nem o enunciador ao construir a interrogação pretende qualquer tipo de informação ou confirmação.

Trata-se, de facto, de uma pergunta retórica que já comporta a sua própria resposta; só aparentemente é construída e antecipação do espaço enunciativo em que a resposta seria produzida. A segunda parte do enunciado "se q" poderia mesmo ser omitida e a interrogação "como não fizeste a composição?" continuaria a ter valor retórico. É também o caso de um exemplo atrás referido:

Profes.: pois é, Zé-Maria, estamos mal...como queres depois ter positiva?

Finalizando: do estudo que fizemos das interrogações que apresentam a partícula "como", poderemos concluir que a mesma marca uma operação de localização em contexto interenunciativo. O enunciador da pergunta retoma o contexto situacional da enunciação precedente para pretender a construção, num outro espaço enunciativo, da validação de um constituinte. "Como" é então marca "do modo como", valor aliás relativo ao valor etimológico que comporta: "*de que maneira*" (Machado, 1977: 192).

Mas "como" pode também levar à relação da interrogação em que ocorre, com a interrogação retórica ou com um pedido de justificação/explicação.

Nestes contextos, a partícula apresenta um valor negativo. De facto, na diversidade de atitudes modais que o enunciador pode tomar para a enunciação de "como p se q?" ou "como não p se q?" (ex: pedido de justificação/explicação; recomendação; indignação; sugestão para a impossibilidade de "p"; censura, etc.), tem sempre uma orientação negativa introduzida pela partícula *como* e reforçada pelo valor condicional de *se*, que o enunciador constrói para (entre outras possibilidades) procurar desencadear uma situação dinâmica por parte do co-enunciador.

De facto, e tal como temos afirmado em outras situações, o estudo da interrogação coloca a necessidade de se saber observar o deslumbramento da capacidade de "camuflagem" que a mesma comporta: interroga-se, afinal, sobretudo para afirmar e para negar.

Bibliografia

- CAMPOS, M.H.C., 1992 "Enunciador e co-enunciador na construção dos valores modais de um texto-alguns aspectos específicos" in *Actas do Encontro Regional de Linguística da A.P.L.*, 1-10.
- CAMPOS, M.H.C., 1994 "Abordagem Semântico-Enunciativa de Alguns Problemas Gramaticais", *Mátthesis* 3, Faculdade de Letras de Viseu da Universidade Católica Portuguesa, 137-150.
- CAMPOS, M.H.C. 1997 *Tempo, Aspecto e Modalidade - Estudos de Linguística Portuguesa*, Porto, Porto Editora.
- CAMPOS, M.H.C. & M.F. XAVIER, 1991 *Sintaxe e Semântica do Português*, Lisboa, U.A.
- CASTRO, Rui Vieira, 1991 *Aspectos da Interação Verbal em Contexto Pedagógico*, Lx., L. Horizonte.
- CULIOLI, A., 1990 *Pour une linguistique de l'énonciation*, Paris, Ophrys.
- CULIOLI, A., 1992 "Ouverture" in *La Théorie d' Antoine Culioli: ouvertures et incidences*, Paris, Ophrys, 3-15.
- DUCROT, O., 1981 "La valeur argumentative de la phrase interrogative" in *Actes du Colloque de Pragmatique*, Paris, Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, 79-110.
- FONSECA, J., 1994 *Pragmática Linguística - Introdução, Teoria e Descrição do Português*, Porto, Porto Editora.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. et alii, 1991 *La Question*, Presses Universitaires de Lyon.
- MACHADO, J.P., 1977 *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, Lisboa, Livros Horizonte.
- SOUSA, L., 1993 *A Interpretação de textos na aula de Português*, Lisboa, Edições Asa.